

**POSSIBILIDADES E DESAFIOS DA ALFABETIZAÇÃO: RELATO DE
EXPERIÊNCIA DE UMA DOCENTE DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

Amanda Tayse de Sena Silva Santos

E-mail: amandasena3@gmail.com

Débora Kelly Pereira de Araújo

E-mail: debinha081@hotmail.com

Maria da Vitória Gomes Costa

E-mail: mvtoriagomes@gmail.com

Universidade Estadual da Paraíba – UEPB

RESUMO: O presente artigo trata de uma pesquisa exploratória e de campo, com caráter qualitativo onde foi utilizado à técnica de entrevistas e observações. Vale ressaltar que esse artigo é o resultado do estudo do texto: A Formação da Professora Alfabetizadora (1996), da autora: Regina Leite Garcia. Segundo Ribeiro (2008 p.141) A entrevista é a técnica mais pertinente quando o pesquisador quer obter informações a respeito do seu objeto, que permitam conhecer sobre atitudes, sentimentos e valores subjacentes ao comportamento, o que significa que se pode ir além das descrições das ações, incorporando novas fontes para a interpretação dos resultados pelos próprios entrevistadores, o que coaduna com o objetivo deste estudo. Portanto, o objetivo geral desse estudo é refletir criticamente a condição da professora alfabetizadora, como sendo uma professora pesquisadora. A partir da entrevista realizada com uma docente de uma turma de primeiro ano do ensino fundamental, pudemos levantar informações a respeito de sua visão a respeito da alfabetização e quais os principais desafios e perspectivas presentes na educação brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: Alfabetização. Docente. Educação brasileira.



INTRODUÇÃO

O processo de ensino e aprendizagem no contexto brasileiro se tornou alvo de muitas críticas e pesquisas com o objetivo de compreender como se dá a alfabetização das crianças na sala de aula. Como resultado, vemos a necessidade de romper com práticas que se tornaram ao longo dos anos um método, meramente tecnicista. Em sua vasta maioria, o processo de alfabetização visa ensinar os alunos a unir vogais e consoantes e não os leva a refletir a importância da aquisição da leitura e escrita como também uma forma de promoção, não apenas nos anos seguintes da educação básica, mas o promover na vida. Por isso, cabe aos professores usar meios de ensinar os alunos e alunas a lerem e escreverem as palavras, mas também as compreender. Ensinar a ler também o mundo e a nossa sociedade, afinal o processo de alfabetização não se resume a decodificação de sílabas e sons, mas os alfabetizar sobre o contexto em que estão inseridos.

REFLEXÃO SOBRE A FORMAÇÃO DA PROFESSORA ALFABETIZADORA

O processo de alfabetização é algo complexo e que deve ser contextualizado e problematizado juntamente com as crianças, partindo da realidade em que o aluno está inserido, ou seja, o de leitura do mundo no qual os autores denominam de letramento, já o processo de decodificação de sons e sílabas, muitos autores defendem como alfabetização, em sentido restrito. Nesta perspectiva precisamos compreender os conceitos de alfabetização e letramento. Sobre a alfabetização, SOARES 1985, afirma que:

Etimologicamente, o termo alfabetização não ultrapassa o significado de levar à aquisição do alfabeto, ou seja, ensinar o código da língua escrita, ensinar as habilidades de ler e escrever. Torna-se por isso, aqui, alfabetização em seu sentido próprio: Processo de aquisição do código escrito, das habilidades de escrita e leitura (SOARES, 1985, p. 20).

Kleimam (1995) traz uma nova dimensão social do processo de alfabetização, tendo em vista que na sala de aula o docente é levado a observar a realidade de cada aluno e aluna e como trazer essas realidades para facilitar na aquisição da leitura e escrita, dessa forma surge o conceito de letramento que para a autora se trata de um:

Conjunto de práticas sociais que usam a escrita, como sistema simbólico e como tecnologia, em contextos específicos, para objetos também específicos. É o conjunto

contato@cintedi.com.br

www.cintedi.com.br



de práticas do indivíduo ou grupo social, relacionadas com a escrita determinadas e disponibilizadas pelas condições sociais (KLEIMAN, 1995, p.29).

Segundo Vieira (2007), alfabetizar requer a ação de professores bem preparados, numa perspectiva de reflexão crítica. Desta feita, o professor e a professora alfabetizadores, devem estar em constante formação, buscando a cada dia formas de garantir às crianças a aquisição da leitura e da escrita de forma dinâmica e de fácil compreensão, estabelecendo a ligação entre escola e contexto social.

Para isso, Garcia (1998), defende que a prática dos alfabetizadores deve ser pautada num princípio teórico/epistemológico capaz de embasar uma postura política, considerando a escola como um espaço de permanente construção, desconstrução e reconstrução. Cabe ressaltar, entretanto, que aos professores é imprescindível administrar a sua própria formação, uma das novas competências necessárias para ensinar. Nesse contexto, formar-se é refletir sobre sua prática, abandonar posturas e abraçar novas didáticas de forma contínua.

A importância necessária da formação contínua, conforme defende Regina Leite Garcia (2013), é uma concordância entre todos aqueles que estão engajados na área da educação, ou seja, que constroem o ambiente escolar, uma vez que nem a formação inicial, nem a formação continuada não são capazes de solucionar os desafios, ora presentes, ora impostos pela complexidade que se configura o espaço escolar. A atualização docente, de maneira reflexiva e crítica, consciente da articulação dos distintos saberes que devem estar presentes na formação do professor é uma das competências que devem construir, justamente, o gerenciamento da profissão.

Diante dos desafios encontrados diariamente nas salas de aula é necessário compreender que devemos nos convencer de que há uma formação continuada que, necessariamente, não se dá no interior de pós-graduação, em nível de especialização, mestrado ou doutorado, mas também nas leituras que produz, nas trocas de experiências entre os professores de realidades distintas e que podem enriquecer a formação docente, resultando assim na construção de uma prática que a formação inicial não é capaz de suprir. Dentre as dificuldades e desafios podemos elencar algumas principais, tais como a indisciplina que dificulta a relação em sala de aula; a falta de participação da família na educação dos filhos também é um desafio constante na escola; a péssima remuneração e a falta de recursos que limita a prática docente; o desrespeito pela profissão docente e pelas diversas instâncias de poder, como pelos alunos e sociedade.

(83) 3322.3222

contato@cintedi.com.br

www.cintedi.com.br

Enfim, inúmeros desafios poderiam ser aqui elencados, mas, entretanto, não existe uma forma pronta, ou um manual de instrução de como formar cidadãos críticos, alfabetizados e conscientes. A prática diária em sala de aula e a realidade da turma sempre exigirão do professor a saída do conforto que a formação inicial nos garante para buscarmos a atualização, a formação continuada e até mesmo a construção de um professor pesquisador que está sempre disposto a transgredir a realidade e os desafios impostos pela falta de investimento numa educação de qualidade.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Ao longo das discussões aqui presentes percebemos que, alfabetizar letrando requer múltiplos esforços do professor e que grande maioria não assume este papel. Ensinar o educando a ler e escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita é tarefa nada fácil. Deve-se compreender a linguagem como um fenômeno social, estruturada de forma ativa e grupal do ponto de vista cultural e social. Desse modo, a palavra letramento deve ser utilizada no processo de inserção numa cultura letrada.

Diante dos expostos, segue as questões referentes à análise realizada com a professora entrevistada, presente nessa questão primeira pergunta: **1. O que seria alfabetização?**

Para mim, considero uma criança totalmente alfabetizada quando já consegue escrever, ler e compreender esses dois. Mas não é apenas isso, é um processo complexo onde vamos orientar a criança em suas múltiplas necessidades, desde a sua forma de vê o mundo, até o aprender a ouvir e a falar. Claro respeitando o que ele já aprendeu na sua casa com seus pais (RESPOSTA - Professora).

É perceptível que a professora entrevistada possui uma compreensão ampla de o que seria alfabetização em sua concepção, sendo isso considerado de grande importância, pois o professor/professora precisa enxergar esse processo como complexo e rico em diversos fatores que influenciam no êxito do aluno, além disso, o processo de alfabetização não deve ser limitado apenas a aquisição da leitura e escrita, mas a compreensão da importância desse processo no seu cotidiano. A autora Regina Leite Garcia, nos diz que é preciso fazer a relação entre o saber acadêmico e o saber popular. É preciso que o professor seja investigador, conheça sua prática, para que assim possa fazer a relação entre o saber científico que se é passado para os alunos e o que os mesmos já trazem como saberes cotidianos.

vivências, relações sociais e familiares, esses que já vem de casa. É preciso compreender que para formar cidadãos atuantes e interacionistas, é necessário conhecer a importância da informação sobre letramento. Letrar significa colocar a criança no mundo letrado, trabalhando com os distintos usos de escrita na sociedade. Essa inclusão começa muito antes da alfabetização, quando a criança começa a interagir socialmente com as práticas de letramento no seu mundo social. O letramento é cultural, por isso muitas crianças já vão para a escola com o conhecimento alcançado de maneira informal absorvido no cotidiano. Ao conhecer a importância do letramento, deixamos de exercitar o aprendizado automático e repetitivo, baseado na descontextualização. É preciso, portanto, que reflitamos sempre sobre nossa prática, nos reconhecendo e reconhecendo também os nossos alunos e suas realidades.

1. Discussão sobre sua prática como alfabetizadora.

Não tenho muito a falar, eu leciono desde os meus 19 anos e estou com 20 anos de profissão, eu busco sempre me renovar, sou apaixonada pelo que faço, mas não é fácil, a gente sofre muito sabe? Recebemos pressão do governo, da equipe da escola, dos pais... Enfim! Estamos cercados de olhos a nos observar e opinar na nossa prática! Muitas vezes tiro do meu salário mesmo sendo pouquinho pra vê meus alunos aprenderem. A primeira vez que entrei na sala de aula me assustei me jogaram sozinha numa sala com 18 crianças. Eu fui aprendendo na prática e eles me ensinaram a ser professora a buscar atividades e formas de ensinar, não existe uma receita pronta para alfabetizar a cada turma a gente tem novos desafios! Somos surpreendidos a cada ano e nos alegramos quando vemos nossos alunos aprendendo. Uma vez tive a experiência de um aluno que não estava acompanhando a turma e procurei saber por que suas atividades voltavam sempre em branco e ele me confidenciou que pela manhã trabalhava no roçado e os pais eram analfabetos, aquilo me cortou o coração a gente vê na prática como nosso país é injusto e não existe isso de meritocracia, o que existe é muita burocracia para os mais pobres e excluídos da nossa sociedade (RESPOSTA - Professora).

Na fala da professora observamos algo muito recorrente em nossa classe de professores. Sempre nos esforçamos, lutamos por melhores condições de trabalho, criamos recursos, que o sistema público precário, não nos disponibiliza e ainda temos uma carga pesada de inúmeras cobranças. Garcia (1996) dá ênfase aos inúmeros professores que desistem de sua profissão, ou que não conseguem sobreviver com os salários indignos que lhes são ofertados, os levando a prestarem concursos para outras áreas e até se submetem a empregos que não exigem nenhuma qualificação. Sem escolha esquecem o

ascensão social e “caem na real”, fazendo o caminho de volta á condição de serviçal. A fala da autora nos impacta, mas é algo que faz muita relação com o que a professora entrevista nos discorreu. Apaixonamo-nos por nossa profissão, dedicamo-nos, nos desdobramos, mas não damos conta e nem nosso salário possibilita isso, pois as condições são sempre precárias. O que faz tudo valer a pena realmente é quando percebemos os esforços diários dos alunos, a busca por conhecimento e melhores condições de vida, a luta mesmo que de forma inconsciente por um país de igualdade e de valorizações.

2. Sobre dificuldades e providências para alfabetizar.

(Risos) as dificuldades sempre estão presentes, todos os dias! Nesse caso mesmo do menino que os pais eram analfabetos eu confeccionei um caderno pedagógico com as vogais e nome de plantas porque era algo comum do seu dia a dia pra ligar as iniciais, eram várias atividades lúdicas e concretas e ele levava para casa todos os dias, ele aprendia e também levava os pais a aprenderem, foi uma experiência linda. Eu sempre busco a realidade da criança e traço um plano pra ela, nem sempre a gente consegue, mas não somos heróis, eu falhei inúmeras vezes. (RESPOSTA, Professora).

Iniciemos analisando o riso dessa professora, ao deduzir que, talvez, essa pergunta seja muito óbvia, quando, de fato, talvez seja, mas não o é. Percebemos, também, que é notória que a professora segue uma base teoria construtiva, dar ênfase a realidade da criança e busca pedagogicamente auxiliar seus alunos como mediadora desse processo, o que é de extrema importância para o desenvolvimento de uma boa aprendizagem. Para Vygotsky (1989), é na interação entre as pessoas que em primeiro lugar se constrói o conhecimento que depois será intrapessoal que será partilhado pelo grupo junto ao qual tal conhecimento foi conquistado ou construído. Ainda segundo o autor a atividade quando mediada ajudará a orientar o comportamento humano nos processos de internalização condizentes ao desenvolvimento das funções psicológicas superiores.

Ainda de acordo com o autor, a mediação tem papel fundamental na aprendizagem do sujeito, já que as formas mais complexas do pensamento humano se constroem pela apropriação de signos culturais. A formação do pensamento se dá por meio das mediações. Desse modo o professor é tido como uma figura importantíssima no processo de construção da aprendizagem, de maneira que, o mesmo conduz as relações entre as crianças, às

mediando. Portanto, percebe-se a importância que a mediação pode exercer no desenvolvimento da aprendizagem de uma criança. Como a professora entrevistada falou é preciso adaptar nossos recursos, levar sim atividades lúdicas que possibilitaram uma melhor compreensão. Mas, é preciso que nos forneçam possibilidades e principalmente que possamos sempre construir, desconstruir e reconstruir nossa prática, para que só assim tenhamos melhores condições e uma prática construtiva e transformadora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de alfabetização é algo que precisa ser discutido cada dia com maior intensidade, para que não seja considerado apenas como um período em que a criança irá decodificar letras, sílabas e sons. O processo de alfabetização precisa fazer sentido para criança, ou seja, ela precisa compreender a função social que a leitura e escrita irá possibilitar para sua vivência, a leitura e escrita como algo necessário para refletir e compreender o seu contexto. Faz-se necessário permitir e levar atividades significativas para os alunos, mesmo os que ainda não desenvolveram a leitura. A leitura não se dá apenas de forma decodificada, mas através de leitura de imagens, de situações e até mesmo jogos didáticos. A criança precisa ter acesso aos livros, precisa ter acesso à escrita. A partir do processo de tentativas, conflitos e confrontos, não só de forma individual, mas coletiva também, é possível construir conhecimentos e incorporá-los ao seu contexto. Esse artigo é o resultado de uma discussão desenvolvida no componente curricular: Alfabetização e Letramento, ministrado pela Professora Doutora Maria do Socorro Moura Montenegro, na qual tivemos a oportunidade de compreender que a professora alfabetizadora e o professor em geral podem e devem ser uma professora pesquisadora de sua própria prática para, dependendo de cada desafio, poder construir, desconstruir e reconstruir sua própria prática.

REFERÊNCIAS

GARCIA, Regina Leite Garcia (org.) A formação da professora alfabetizadora: reflexões sobre a prática. São Paulo: Cortez, 1998.

KLEIMAN, Ângela B. Os significados do letramento. Campinas: Mercado das Letras, 1995.

RIBEIRO, Elisa. A perspectiva da entrevista na investigação qualitativa. In: Evidência, olhares e pesquisas em saberes educacionais. Número 4, maio de 2008. Araxá. Centro Universitário do Planalto de Araxá.

SOARES, Magda. As muitas facetas da alfabetização. Caderno de Pesquisa, São Paulo, v 52, fev., p.19-24, 1985.

VIEIRA, H. M. Prática pedagógica do professor alfabetizador: a reflexão crítica como mediador do saber, do saber-ser e do saber-fazer. Campus Ministro Petrônio Portella. Teresina - PI. Dissertação de Mestrado. Teresina: UFPI, 2007.

VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1989.